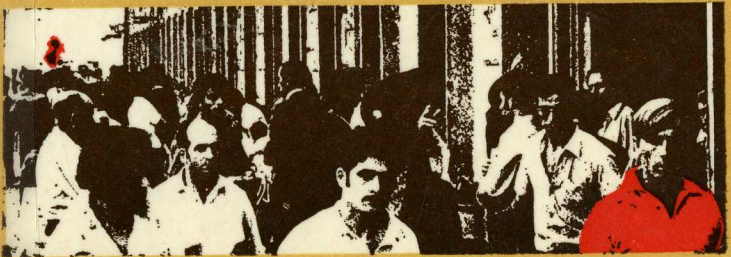




teatro
CENTELHA

Helder Costa

A CAMISA VERMELHA



HELDER COSTA

U46703532



A CAMISA VERMELHA

TEATRO



COIMBRA

1 9 7 8

FICHA

Título: A Camisa Vermelha

Autor: Helder Costa

Capista: João Botelho

Editor: Centelha Promoção do Livro, S.A.R.L.
apartado 241 — Coimbra

OBRAS DE TEATRO DO AUTOR

1974 — «Liberdade, Liberdade» (em colaboração com Luíz Francisco Rebello e Luís de Lima) — Editora Prelo;

1976 — «Histórias de fidalgotes e alcoviteiras, pastores e judeus, mareantes e outros tratantes, sem esquecer suas mulheres e amantes» (dramaturgia sobre textos de Gil Vicente e Ruzante) — editora Grupo de Acção Cultural «Vozes na Luta»;

1977 — «António Aleixo — este livro que vos deixo» (plano de enenação e dramaturgia sobre a obra de António Aleixo);

1977 — «A Camisa Vermelha» — Editorial Centelha

1977 — «O Congresso dos Pides» e «Um Inquérito», inseridos na obra colectiva «Ao Qu'isto Chegou» — Editorial Estampa.

1977 — «3 Histórias do dia a dia — «o jogo da bola», «a sorte grande» e «a vaca prometida» — edição da Sociedade Portuguesa de Autores;

1978 — «Zé do Telhado» — Editorial Centelha.

A SAIR:

«Teatro Operário» — estudo teórico, e inclusão dos textos colectivos do Teatro Operário de Paris, «18 de Janeiro de 1934» e «O Soldado»

A CAMISA VERMELHA

I ACTO

Uma sala a meia-luz; uma passerelle ao meio; dos dois lados, senta-se gente muito elegante. Todos vestem de cinzento e preto. Há uma música ambiente, do estilo mais estereotipado possível.

Começa o desfile de «modas», feito por homens e mulheres (ou travestis), acompanhados por focos de luz. Os actores devem imitar ao máximo a tradicional passagem de modelos com trejeitos, requebros, voltas bruscas, sorrisos artificiais, pernas que se descobrem um pouco, etc..

Tudo isso está a ser filmado por uma câmara de TV ou cinema, que entra pela assistência ao desfile, persegue os modelos, etc.. Há um locutor que acompanha todos esses movimentos, papagueando um discurso inaudível.

Passados uns dois minutos, o locutor dirige-se ao público, sendo «filmado» pela câmara:

Senhores tele-espectadores, muito boa-noite. É com orgulho que aqui estamos, apresentando-vos em directo o desfile de modelos da nossa moda mais querida pelo povo: o preto (ou negro, se preferirem), e o cinzento. Nesta sessão, realizada no Hotel Ti-Avó-Ali, contámos com a

presença da nossa melhor sociedade, das senhoras condessas, marquezas, e outras rebitesas, dos seus mais dilectos cavalheiros, e até da nossa primeira Dama, senhora esposa do D. Manda-Chuva. Para nós, para Vossas Excelências, com a gentileza que sempre a caracterizou, aqui temos algumas palavras. Senhora D. Manda-Chuva, o que pode dizer para os nossos tele-espectadores sobre este desfile memorável que eterniza para sempre a nossa moda do negro com variantes cinzentas?

D. MANDA-CHUVA

Sinto-me muito satisfeita com o sucesso desta primeira realização tendente a divulgar a nossa moda, e a esclarecê-la junto do nosso povo. Devo dizer que este sucesso não me causa surpresa, pois o preto cala bem fundo no gosto das nossas gentes. Percorri o nosso país de Norte a Sul, e julgo que esta maneira de vestir corresponde bem à nossa alma, ao nosso pensar e sentir triste. Todos nós nos sentimos arreigados à nossa terra (*até temos uma palavra-saudade — que ninguém consegue traduzir em nenhuma parte do Mundo*), as cores dos nossos transportes, barcos, armas, repartições públicas, uniformes, guarda-pós, etc., são sempre pretas ou cinzentas escuras. É uma cor eminentemente nacional...

LOCUTOR

Até se ouve dizer que, internacionalmente, esta cor começa a despertar um grande interesse...

D. MANDA-CHUVA

Posso anunciar que chovem os convites para que a nossa moda se apresente nos certames mais prestigiados: Redondes, Nova-Porca, Perdiz, aquela cidade onde há só água...

LOCUTOR

E barcos em bico? Que lindeza...

D. MANDA-CHUVA

Isso, Isso! Lindeza! Mesmo aí, e nós sabemos se eles não tinham outros gostos... mesmo aí querem que os ensinemos a propagar esta moda. Compreende, é muito discreta, suja-se menos, fica-se sempre com um ar mais arranjado...

A partir deste momento, desfaz-se a cena. D. Manda-Chuva, locutor e equipa TV deslocam-se para o fundo, ao mesmo tempo que os assistentes ao desfile se levantam e saem. Outros podem dirigir-se para a D. Manda-Chuva, acompanhando-a, falando com ela, etc..

Avança um narrador (ou cantor, ou conjunto coral):

Isto tudo se passava num país muito bonito, e que tinha sido muito famoso por ter o melhor Sol do Mundo, as melhores praias, laranjas, riachos, carapaus, alfaces, cogumelos, sopas de tomate, azeitonas, vinho lindo e levezinho...

Mas todos se zangaram uns com os outros, e então uma vez veio um Senhor que sabia muito, e obrigou toda a gente a vestir-se como ele. Era assim: fato preto, botas de elástico, camisa branca e gravata preta, e chapéu preto (*entra um actor a representar essa figura*); para empregar alguém, começava por lhe perguntar:

(*Entrou um actor vestido de cinzento, sem chapéu*)

1.º

Muito bem. O seu chapéu?

2.º

Sabe, sr. professor, eu não uso chapéu.

1.º

Não usava, mas agora vai passar a usar (*faz um sinal com os dedos, entram 2 actores com um chapéu enorme, que lhe metem pela cabeça abaixo*). Muito bem; já parece outro. Como se sente?

2.º

Muito bem, senhor professor, muito bem.

1.º

Veja lá. Eu não o quero obrigar...

Não, não, com certeza. Gosto muito. Onde é que o sr. dr. comprou as suas botinhas e o seu fatinho? afinal o preto é muito mais bonito do que este cinzento. A minha mulher bem me tinha dito...

(O 1.º sai, seguido por outros, e atrás, rastejando e dizendo: «eu quero vestir de preto, eu quero vestir de preto», vai o 2.º)

NARR. (OU CANTOR)

E assim, muita gente começou a vestir de preto ou de cinzento. Mesmo quem não gostava, e sempre se tinha vestido de outra forma. Mas era melhor uma pessoa não se meter em aborrecimentos, o que era preciso era ir vivendo, e se todos andavam assim, por que é que uma pessoa não havia de andar?

(Entram em cena vários actores que representam imagens do dia a dia, relacionados com o vestir. Há um ambiente de tristeza geral. Alguns cumprimentam as belas peugas pretas, ou soutiens ou cuecas dos outros. Uns correspondem agradecendo, outros encolhem os ombros, não ligam e saem. Deve haver, nestas cenas rápidas (tipo flash), actores a simbolizar o poder: guardas vestidos de preto que passeiam vigilantes, homens e mulheres com sumptuosos casacos de peles negros e cinzentos, cumprimentando os seus servos ou empregados, dando-lhes mais coisas para eles ves-

tirem rasgando peças de roupa de outras cores mais claras, etc.).

(Deve haver música a acompanhar todo este «ritual»).

NARR. (OU CANTOR)

Como vêm, houve alguns problemas — poucos — com pessoas que não queriam andar com a nova moda. Mas tudo se foi resolvendo. Não muito longe desta cidade — esqueci-me de vos dizer, estávamos em BEMBOA — há outras terras onde nasce o trigo e os animais andam à solta pelos valados. Também não se vive muito bem, mas aquela gente sempre anda de outra forma: poucos vestem de preto, puxam sempre para o cinzento mais claro, pedem desculpa por pôr uma coisinha azul às crianças...

Bem, toda esta conversa é uma desculpa para vos apresentar um dos heróis desta história, o José da Fonte Nova, mais conhecido pelo Zé Pardal, porque passa a vida a saltar de um lado para o outro.

Eu agora vou-me embora. Mas vejam bem a conversa dele com a avó.

(Está em cena, sentada, a avó, vestida de preto, cosendo uma camisa vermelha. Entra o Zé, vestido de cinzento claro. Para, estupefacto. Avança devagar).

AVÓ

Entra, entra, meu maganão. Julgas que eu não te ouvi?

ZÉ

Boa tarde, avó. Eu tive de sair cedo, também não pude vir almoçar. Mas o que é que está a fazer?

AVÓ

Estou a coser uma camisa.

ZÉ

Mas... eu nunca tinha visto essa camisa. É das que se usavam dantes, não é?

AVÓ

Sim, meu filho. Esta camisa era do teu avô. Ele levava-a vestida quando todos se juntaram e atacaram aquele conde de negro que espalhava a morte aqui pela terra e proibia as cores vermelhas e alegres. Foi morto, e rasgaram-lhe a camisa toda. Quem ma trouxe foi o pai do Fernando, era uma criança mas já ajudava os homens naquelas lutas.

ZÉ

Uma camisa do avô! Vermelha!

AVÓ

Pronto, já está (*acaba de coser a camisa, sacode-a, levanta-se com ela esticada*). Anda cá (*Zé aproxima-se e a Avó mede-lhe a camisa*). Experimenta-a.

ZÉ (*Despindo a camisa cinzenta*)

Mas, avózinha, essa camisa é de estimação...

AVÓ (*Ajudando a vestir*)

É a coisa que eu mais estimo, é verdade. Porque é do teu avô, e porque é de cor vermelha.

ZÉ

Mas a avó veste de preto...

AVÓ

Visto de preto, porque estou de luto pela morte do teu avô. Mas sempre andei de vermelho, como ele, e muitos dos moços e moças da minha idade. Fica-te bem. Pareces o avô Pedro.

ZÉ (*Sorridente, olhando-se*)

É linda, não é?

AVÓ

É tua. Tu andas sempre com a cabeça no ar, nem te lembras que fazes hoje anos. Fazes 18 anos, oh Zé Pardal! (*Abraçam-se e beijam-se*). Dou-te o que eu mais estimo. Nunca a percas.

NARR. (OU CANTOR)

Foi um dia de grande alegria para o Zé. Andou todo vaidoso com a camisa vermelha, e houve logo amigos

que também quiseram ter camisas dessa cor. Ai vêm eles.

(Zé com 2 amigos e 2 raparigas; todos têm cores vermelhas. Zé e outro têm camisas; o outro tem um lenço de pescoço. As raparigas têm uma saia e um lenço de cabeça vermelhos. Dançam e cantam).

NARR. (OU CANTOR)

Que grande festa! Vamos a isso! *(tira o lenço, põe ao pescoço e começa a cantar com eles).*

(Segue-se desgarrada com versos simples, não politizados, de preferência sobre temas amorosos e da Natureza).

(Acabam a canção e danças de roda soltas, e saiem brincando e rindo, perseguindo-se).

NARR. (OU CANTOR) *(Cansado, limpando o suor com o lenço)*

Foi uma bela festa. De vez em quando, as pessoas riam-se e brincavam, por aqueles lados. Aproveitavam todas as oportunidades pra isso: o tempo das castanhas, o tempo do vinho novo, o fim do vinho velho, as primeiras laranjas, o queijinho que já estava curado, as azeitonas novas... nem deixavam escapar as procissões e as festas da padroeira...

Bem, isto era há muito tempo, pois a festa lá da Nossa Senhora era já só de bailaricos, vinho e petiscos, e então até foi proibida pelo sr. Padre!